

Prof. Doutor Amadeu Rodrigues Torres
(Castro Gil)



AMADEU TORRES

Na manhã de 9 de abril de 2012, colegas e amigos mais próximos fomos surpreendidos pela notícia de que o Prof. Doutor Amadeu Rodrigues Torres acabara de falecer. Eram pouco mais que as oito horas da manhã. No dia anterior tinha jantado na Casa Sacerdotal onde habitualmente pernoitava. Comia na mesma mesa que eu próprio, frente a frente. Embora tenha sido geralmente uma pessoa de boa saúde, achei-o algo indisposto. A respiração um tanto ruidosa deixava transparecer que algo não estava bem no seu aparelho cárdio-respiratório. Estava sem apetite, comeu pouco e com dificuldade. Depois que os demais colegas se retiraram, fiz questão de não o deixar só na sala de jantar. Depois de ter tomado algum (pouco) alimento, foi para o seu quarto. A próxima notícia dele foi-me dada ao princípio da manhã seguinte: o Doutor Amadeu acabara de falecer. Ainda se tinha levantado para ir, uma vez mais, passar o dia no edifício em que funciona a Faculdade de Teologia no seu núcleo de Braga, onde tinha os seus livros e utensílios e onde habitualmente trabalhava. Quis Deus que já não entrasse nele. O seu corpo foi encontrado ainda quente nos degraus da pequena escadaria que, do lado nascente, dá acesso ao edifício. Nascido em 1924, tinha completado em 25 de novembro 87 anos de idade.

Não seria necessária a estatura intelectual e humana como a que efetivamente ele tinha para que aqui se escrevesse uma breve nota *in memoriam*. Mas o Prof. Amadeu Torres – que, como poeta usou quase sempre o pseudónimo de Castro Gil – foi realmente uma figura intelectual e humana de invulgar dimensão. Se a sua vida merece uma “nota” de excelência, justo seria dedicar-lhe aqui uma nota de exceção. E, de facto, só não será mais extensa porque poderia ser repetitiva, já que esta revista lhe prestou homenagem com outra nota em edição de há oito anos, por ocasião do seu octagésimo aniversário natalício (vd. *Theologica* 39, 2 (2004) 445-453), com texto da minha autoria.

Nesse texto de homenagem pode ver-se, em termos necessariamente muito abreviados, o essencial da sua trajetória biográfica e da sua obra científica e literária. Para informação mais completa pode consultar-se o livro que, também a título de homenagem, lhe foi oferecido pela extinta tipografia «Barbosa & Xavier, Lda», por iniciativa do seu proprietário, o saudoso Snr. Martins, depois de por mim próprio organizado: Jorge Coutinho (org.) e Miguel Gonçalves (apres.), *Prof. Doutor Amadeu Rodrigues Torres. Elenco bibliográfico geral*, Braga, 2005, 70 pp., com 2ª edição revista e aumentada com os trabalhos dos últimos cinco

anos e da iniciativa do próprio Prof. Amadeu Torres, em Edições Humanitas, Braga, 2011 (78 pp.).

Limitar-me-ei por isso aqui a esboçar alguns traços da sua excecional personalidade. Começo por transcrever da nota referida já publicada nesta revista: «Fisicamente de mediana estatura mas intelectual e espiritualmente dotado de invulgares talentos, Amadeu Torres tornou-se em sua vida um gigante do saber, da produção científica e da criação literária. Homem simples, discreto, habituado a viver seu dia-a-dia em modo de recolhimento monástico, rodeado pela riquíssima biblioteca pessoal, convivendo com os colegas comensais com a simplicidade de um mais *inter pares*, habituámo-nos a vê-lo sistematicamente ou a trabalhar ou a recitar, no corredor, em intervalos do trabalho, a sua Liturgia das Horas. Meticuloso no cumprimento dos seus deveres sacerdotais e académicos, valeu-se na vida essencialmente da sua inteligência de exceção, da sua saúde resistente e do seu trabalho sem descanso. Haveria de concluir todos os cursos e graduações com classificações de excelência.»

Se algumas das suas facetas não-se ser realçadas nesta memória do homem, do sacerdote e do intelectual que ele foi, começaria pela sua grande simplicidade. Homem tão terra-a-terra na sua vida privada e no convívio com os seus colegas do dia-a-dia como grande foi desde sempre na sua estatura intelectual. O Prof. Amadeu Torres foi «Príncipe dos poetas portugueses» em 1948, por ter obtido o «Prémio Nacional de Poesia Heróica». Ainda ao tempo em que, em plena juventude, para preservar e robustecer a saúde, teve de se retirar para o Hospital-Sanatório da Colónia Portuguesa do Brasil, em Coimbra, conheceu pessoalmente e fez amizades com outros poetas e homens de letras, tais como Moreira das Neves, Miguel Torga, Miguel Trigueiros, Nuno de Montemor, António Aleixo, Campos de Figueiredo, Alberto de Serpa, José Régio, J. Gaspar Simões, Carlos Queirós, Correia de Oliveira, Júlio de Lemos, Vasco Miranda, Mário Beirão, Duarte de Montalegre, J. Veríssimo Serrão, Ribeiro Couto e Manuel Bandeira. Lecionou primeiro no Seminário e em vários colégios. Foi, mais tarde, docente na Universidade Católica e na Universidade do Minho, tendo percorrido os sucessivos graus académicos até se tornar professor catedrático. Privou de perto e granjeou amigos entre os grandes nomes da sua área de especialização universitária, a linguística. De Portugal aos Estados Unidos e ao Brasil, como ao Japão ou à Índia, passando pelos mais variados países europeus desde a vizinha Espanha às longínquas Rússia ou Finlândia, viajou muito, para estar presente ativamente em congressos e colóquios, para os quais era convocado em razão da autoridade que lhe era reconhecida no campo da linguística. Foi alvo de várias homenagens públicas e solenes. Produziu obra de vulto, foi membro de várias academias e sociedades científicas, recebeu medalhas e galardões e detinha uma quantidade de títulos honoríficos. Sentia-se gratificado por isso. E, no entanto, estando em Braga ou indo até à sua aldeia natal de Vila de Punhe, no concelho de Viana do Castelo, no convívio com os seus familiares como

com os seus colegas e amigos ou com os seus alunos, nunca o vimos allear-se em petulâncias ou manias de grandeza. Pelo contrário, aparecia sempre como figura apagada, discreta, imune de toda a presunção ou vaidade.

De realçar também a sua bondade natural. Dificilmente alguém ouviu da sua boca qualquer palavra azeda ou juízo negativo sobre outras pessoas. Exceção talvez para os desmandos de alguns políticos, que verbera mesmo em alguns dos seus poemas, nomeadamente a propensão para um certo esquerdismo de modernaça insensatez. Sou testemunha de como, quando eventualmente da boca dos seus convivas saíam críticas azedas a este ou àquele, o Prof. Amadeu mantinha-se distante da conversa, guardando o seu discreto silêncio. O seu coração não conhecia o azedume, nem a inveja, nem a ira. Pelo contrário, gostava de elogiar o mérito de outros, quando era caso para isso.

O mundo académico era o seu mundo social. Fora dele, preferia refugiar-se no isolamento e no trabalho. Foi sempre um homem de solidão. Amava, sem dúvida, o convívio com os seus amigos, seja com os seus familiares de sangue seja com os da sua família científica e literária. E sentia-se bem na companhia dos grandes nomes que, por ocasião dos congressos ou de outros atos académicos em que tomava parte, tinha o privilégio de encontrar. Entretanto, no seu dia-a-dia, o Prof. Amadeu era, como atrás referi, uma espécie de monge, gostando de viver sozinho no grande «mosteiro» que era para ele o edifício que foi do Seminário Conciliar e onde agora se encontra instalado o núcleo de Braga da Faculdade de Teologia da UCP. No quotidiano, num estilo de vida muito frugal, faziam-lhe companhia os livros e revistas da sua grande e rica biblioteca pessoal.

Gostava muito de viajar. Como gostava de reviver as suas andanças pelo mundo, sempre que, na conversa à mesa, vinha a propósito. Desde os tempos em que começou a fazer investigação, habituara-se a deslocar-se regularmente, durante vários anos, sobretudo a França e Alemanha. Ia no seu Volkswagen carocha, o mesmo, curiosamente, que manteve até morrer. Levava como companheiro o sempre bem humorado e inesquecível padre António Freire, jesuíta, especialista e professor na mesma área das línguas e literaturas clássicas na Faculdade de Filosofia de Braga. Dessas e de outras muitas viagens deixou também múltiplas e interessantíssimas impressões em poemas que escreveu.

Homem de trabalho, dele poderíamos dizer que quase não sabia fazer outra coisa. Sistemáticamente recolhido no seu gabinete, por vezes e para variar lendo algum livro ou revista no corredor, estava sempre assoberbado com tarefas de investigação e de escrita. Produziu obra imensa, como pode ser verificado no *Elenco bibliográfico geral* atrás referido, em cuja 2ª edição constam nada menos que 609 títulos, entre livros científicos, livros de poemas, poemas dispersos, artigos em revistas e jornais e resenhas. Sem querermos aqui repetir mesmo o mais relevante dessa produção (já referido no texto de homenagem publicado nesta revista), são de salientar, na área da linguística: os dois grossos volumes da sua dissertação de doutoramento, defendida em 1980 na Faculdade de Letras

da Universidade de Lisboa, *Noese e crise na epistolografia latina goisiana*, editados em 1982 e recentemente acrescidos de um terceiro volume com a edição crítica, versão e notas da *Correspondência Latina* de Damião de Góis (2009); edição crítica da *Gramática Filosófica da Língua Portuguesa* de Bernardo de Lima e Melo Bacelar, em reprodução fac-similada da edição de 1783, editada em 1996; *Gramática e Linguística* (1998); *Parvum Lexicon* de A. Pereira de Figueiredo (introd. e notas à edição fac-similada: 1998); edição crítica, semidiplomática e anastática da *Gramática da Linguagem Portuguesa* (1536) de Fernão de Oliveira (2000, reeditada em 2007); edição anastática, com introdução e notas críticas, da *Gramática Filosófica da Língua Portuguesa* (1822) de Jerónimo Soares Barbosa (2004, com reedição em 2005); edição crítico-anastática de *Caramuru. Poema épico do Descobrimento da Baía* (1781), saída a público em 2008. Na área da poesia, além de numerosos poemas dispersos em revistas e jornais ou em edição autónoma, sendo vários em latim clássico, Amadeu Torres (Castro Gil) publicou nada menos que quinze livros de poemas, um dos quais em quatro volumes e alguns em reedição (em Portugal e no Brasil). São obras dos primeiros e dos últimos tempos da sua vida, quando ainda estava livre de trabalhos pesados e quando, já jubilado, o que lhe restou como tarefa de investigação lhe permitiu dedicar-se de novo à criação poética.

Não resisto a rebuscar mais este excerto do meu texto de homenagem em fascículo anterior desta revista: «Não cabe aqui uma apreciação crítica da sua obra grandiosa e polivalente e da personalidade que lhe subjaz. Outros a farão, com a devida competência, em lugar mais apropriado. Registe-se, ainda assim, em traços rápidos, a sua inteligência privilegiada, aliada a uma memória tenaz; o seu conhecimento de uma série de línguas modernas, a par com o domínio das clássicas, especialmente do latim; o seu génio poético, a exprimir-se com versatilidade (ora em português ora em latim clássico) desde o mais puro lirismo à poesia heróica, passando pelo satírico das suas críticas a desmandos vários da vida política e das letras, e em estilo ora solene e erudito ora no jeito terra-a-terra de uma poesia (quase) popular; a frutuosa investigação sobretudo no âmbito da linguística; a vastíssima e polivalente erudição, bem patente no que escreve em prosa ou verso; a competência do professor em áreas múltiplas do saber; o conferencista brilhante em múltiplos e variados palcos. Sempre muito preso à família, amigo dos seus amigos, jamais esqueceu, na simplicidade do seu ser e do seu viver, o amor e a fidelidade à Igreja, do mesmo modo que, radicado na Cidade dos Arcebispos e viandante do mundo, jamais perdeu afeição às terras vianenses que o viram nascer.»

Como poeta, jamais se adaptou aos cânones da poesia moderna, preferindo sempre os modelos e formas clássicos, com destaque para o soneto. Passando aqui por alto muitos poemas, tão simples como expressivos, que escreveu para serem musicados por homens como Manuel Faria ou Benjamim Salgado, voltando cânticos religiosos, são sobretudo os seus poemas mais expressamente

literários que manifestam verdadeira veia poética. O seu estilo tende para um certo modo erudito e linguisticamente inovador. A sua formação nas línguas grega e latina permitiam-lhe forjar todo um vocabulário original, muito expressivo, embora nem sempre de fácil decifração. O génio poético é, como quer que seja, bem patente nas suas produções.

A alta craveira intelectual e poética do Prof. Amadeu Torres e a vasta e valiosa obra que deixou, pondo a render os talentos que Deus lhe confiou para fazer render, foi-lhe múltiplas vezes e de variadas formas reconhecida ainda em vida. A maior de todas as homenagens foi, sem dúvida, o Colóquio Internacional «Gramática e Humanismo», promovido pela Faculdade de Filosofia da UCP, com a colaboração do núcleo de Braga da Faculdade de Teologia (Braga, 20-22 de Abril de 2005). Os dois bem recheados volumes das actas, em org. de Miguel Gonçalves et alii, *Gramática e Humanismo. Actas do Colóquio de Homenagem a Amadeu Torres* (Publicações da Faculdade de Filosofia – Braga, 2005) atestam por si sós a grandeza e a riqueza de participação e de homenagem de muitos dos seus pares na área da linguística, provenientes de vários países, de Portugal ao Brasil, da Europa aos Estados Unidos, além de contar com a presença reconfortante de muitos dos seus antigos alunos e de muitos amigos. Por essa altura, ao ser-me dada a oportunidade de conviver com alguns dos seus grandes amigos e admiradores, pude testemunhar a grande consideração e estima que por ele nutriam. Gostaria aqui de referir especialmente o Prof. José Manuel Rosado Fernandes, antigo Reitor da Universidade de Lisboa e orientador da sua tese de doutoramento, o Prof. Leodegário de Azevedo Filho, Presidente da Academia Brasileira de Filologia (hoje, infelizmente já também falecido), e um dos maiores poetas do Brasil na atualidade, Carlos Nejar.

Terminada a sua carreira, como diria S. Paulo, restava-lhe receber a (mais) verdadeira coroa da justiça que Deus tem reservada para os que O servem. No seu primeiro livro de poemas Amadeu Torres (Castro Gil) intuía um quase lema de vida: «O meu caminho é este: louvar a Deus e fazer versos». Afinal, sempre louvando a Deus, haveria de realizar bastante mais que fazer versos. Resumindo, com palavras suas, no poema «Antese» de *Caminhos de Emaús* (2000), poema que eu próprio escolhi e ele aceitou de bom grado, para inscrever no *Elenco bibliográfico geral*, a sua vida começou com a dolorosa prova de uma doença quase mortal. Mas esta acabou por ser apenas uma espécie de poda que Deus terá querido realizar nele para que, conforme a Parábola evangélica da videira e dos ramos, desse abundante fruto. Assim ele resume esta dolorosa experiência que acabou por marcar a totalidade da sua vida:

*Neve e neve tombou,
De contínuo e em barda,
Sobre o rosado bipolar edema:
Àquela idade em flor
Quase a despetalou.
Rude, ao inverno tarda
O ser de epifonema.*

*Mas sortilega, em breve,
A dor se me enflorou
E se fez poema,
Competelando o inverno e a neve
No corimbo de ritmos que ficou...*

(Caminhos de Emaús, p. 67)

O que ficou da vida na obra de Amadeu Torres (Castro Gil) foi realmente muito. Corimbo de «ritmos», mas não só de versos, essa obra está certamente destinada a perdurar. Aqui na terra, na componente do seu jeito de «fazer versos», em que devem incluir-se os versos em sentido próprio, na sua obra poética, e os outros «versos» da sua múltipla e abundante obra de investigador, de professor, de conferencista e de publicista. Lá junto de Deus, onde a nossa fé tem razões para o imaginar, perdurará certamente na transmutação, já escatológica, da sua poesia naquela outra, cantada por milhares e milhares de eleitos e acompanhada por milhares e milhares de harpistas, que constitui o «cântico novo» ou o eterno «Aleluia!» jamais ouvido aqui na terra mas reservado para os seus eleitos pelo nosso Criador e Redentor (Cf. Livro do Apocalipse, 14 e 19).

JORGE COUTINHO